

III Workshop dos TAEs da EPPEN

por Maristela Bencici Feldman



Assim como ocorre com as frequentes e tão atuais sequências da sétima arte, também o III Workshop Eppen foi bastante aguardado. No caso da indústria do cinema, para serem viáveis, as continuações requerem alguns ingredientes básicos: enredo sugestivo e bons personagens, de modo que, juntos, sustentem a apreciação e instiguem interesse duradouro por parte do público. A jornada, porém, não pode ser repetitiva, há de se somar novos elementos para que o resultado final seja também agradável.

Tal qual um bom título, a terceira edição do evento já tradicional do *campus* Osasco não decepcionou. Desde a abertura encaminhada pela Diretora Administrativa, Juliana Mateusa, idealizadora da atividade, o caráter *intercampi* e multidisciplinar não se escondeu, esteve marcado no plano geral, e foi destacado pela presença de servidores de outros *campi*.



O Prof. Zorzenon saudou a montagem da qual é frequentador assíduo. Desta vez, além da fala introdutória como Vice-Diretor do *campus*, ele teve participação especial como palestrante, juntamente com a Diretora da Baixada Santista, Profa. Sylvia Helena que, curiosamente, estreou na Unifesp como servidora TAE em 1996. O concurso para docente só aconteceu quando ela já contava com anos de casa, em 2005.



Houve até uma rápida sessão de anúncios que, protagonizada pelos próprios TAEs, chamou à atenção dos servidores para importantes projetos. Então, aquela manhã seguiu à luz de Paulo Freire,

III Workshop dos TAEs da EPPEN

por Maristela Bencici Feldman



com referências de Manoel de Barros, Niemeyer e outros ícones das artes. A psicóloga convidada palestrou com tanta simpatia e descontração que cativou os espectadores. Mesmo se não tivesse descrito a si própria como ex-TAE, a professora teria assim se mostrado ao longo da atividade, tamanha a sua afinidade.

O momento das apresentações individuais funcionou como dinâmica de grupo. Sempre muito atenta e empática, a Profa. Sylvia Helena arrancou revelações, ora surpreendentes, ora engraçadas. Algumas falas introdutórias foram típicas, é bem verdade, quase esperadas, conferindo uma confortável sensação de "sala de casa". Durante o exercício, as inferências da psicóloga eram bastante imediatas.

No fim da rodada, o nostálgico cafezinho da tarde foi o campeão das preferências dos servidores que, divididos em pequenos grupos, foram convidados a eleger a cena mais marcante da história de cada um no *campus*. Coincidentemente, os rápidos e espontâneos encontros vespertinos foram apontados por várias dessas pequenas equipes.

A pausa para o almoço, com cardápio caprichado e mesas especialmente arrumadas também foram fieis ao enredo, assim como a sessão de premiações que não fugiu ao roteiro.



III Workshop dos TAEs da EPPEN

por Maristela Bencici Feldman



Neste ano, estrelaram: Elaine, pelo pioneirismo de titulação entre os TAEs, a primeira a concluir doutoramento; e, também, os professores Dr. Julio Cesar Zorzenon Costa e Dra. Nildes Pitombo Leite, palestrantes precursores. A Profa. Sylvia Helena também foi premiada por estar na vanguarda *intercampi*.



O Prof. Zorzenon, inegavelmente outra “preferência local”, não deixou por menos e começou a tarde concedendo uma verdadeira aula magna ao discorrer sobre as relações do ser humano com o trabalho. Sintonia não faltou, pois, assim como a convidada externa, o Vice-Diretor, recorreu à arte – produto da atividade humana –

para ilustrar sua apresentação sobre, talvez, a principal delas: o trabalho.

O “Zorza”, como é carinhosamente chamado por alguns alunos, compartilhou trechos de filmes sobre o tema, como os memoráveis *Tempos Modernos* de Charles Chaplin, e *A Classe Operária Vai ao Paraíso*, Élio Petri. Esta última, película dos anos 1970 que, tendo como pano de fundo a condição do trabalhador no padrão taylorista-fordista de



III Workshop dos TAEs da EPPEN

por Maristela Bencici Feldman



acumulação, exibe uma cena que sugere relação de amor entre o homem e a máquina.

Possivelmente, o ponto mais alto da sua palestra tenha sido a apresentação do trecho de "*A Vida é Bela*", de Roberto Benini, já citado por ele próprio na edição precedente, em 2017, quando, improvisadamente, abriu evento. Assim, mesmo sem querer, o historiador cumpriu um dos requisitos imprescindíveis para as continuações, alinhavando sua fala ao "*to be continued*", o famoso “continua”, daquele lançamento anterior.

Ele recorreu a Engels para explicar como nós, seres humanos, diferimos dos outros animais. Evidenciou os frutos do nosso trabalho, justificando que as conquistas do pensamento precisam ser executadas por mãos laboriosas.



Assinalou que as características físicas do homem permitiram sua promoção na competitiva seleção natural (cena de 2001 *Uma Odisseia no Espaço* de antropeide vendo um osso animal como ferramenta). A posição ereta, liberando braços fortes e mãos ágeis, foi decisiva para o seu desenvolvimento.

Suscitada a questão de como teria o trabalho se tornado um fardo para o homem, o professor se serviu de sua formação em História Econômica para elucidar os fatores que determinaram essa transição.

Sugeriu a criatividade – capacidade de realização das tarefas com gotas de fantasia como ingrediente fundamental



III Workshop dos TAEs da EPPEN

por Maristela Bencici Feldman



para tornar os afazeres cotidianos mais prazerosos e apontou a universidade como ambiente propício para isso. Não se esqueceu de mencionar a revolução técnico-científica que possibilitou o estabelecimento de novas relações de trabalho e com o trabalho, concluindo que a universidade tem isso em seu horizonte.

A plateia demonstrou concordar com a máxima de o trabalho ser elemento constitutivo da humanidade, dada a interação quando a palavra esteve aberta. A tônica dos comentários por vezes esbarrou nas questões do serviço público: como este pode ser bem executado e, especialmente, reconhecido pela sociedade.

Tal preocupação esteve bem clara na indagação do servidor da secretaria acadêmica, Washington, que versou sobre a imagem deturpada que a sociedade tem do servidor público de repartições como a dele, onde tramitam muitos papeis e geram a falsa impressão de burocracia. Esse momento, bem que poderia ter sido embalado por trilha sonora de Raul Seixas e o seu “carimbador maluco”.

O Vice-Diretor explicou como os regulamentos que se pressupõem impessoais determinam práticas que podem culminar na chamada burocracia.

As pinceladas de arte, de fato, permearam o dia. O lendário Dorival Caymmi foi lembrado por uma fala muito bem humorada a ele atribuída que diz respeito ao trabalho como dever, obrigação. E, como não poderia deixar de ser, o Prof. Zorzenon sabiamente recordou que, não sem razão, uma das canções do baiano embalou o movimento estudantil anos atrás.

O café de encerramento foi ao estilo Eppen que, a cada ano se manifesta a favor do entretenimento, mas sem abandonar o gosto pela arte. Com ares de confraternização, foi um agradável epílogo.



III Workshop dos TAEs da EPPEN

por Maristela Bencici Feldman



Assim, citando a palestrante externa, em uma *universidade tecida em nossas experiências*, um evento como esse, concebido e desenvolvido intuitivamente, é igualmente *autoral*.

Nossas jangadas estão lançadas neste mar e nosso trabalho é trazer peixes bons para a sociedade, colaborando com o bem público.